

Marcelino Freire – *Contos negreiros*

Rio de Janeiro: Record, 2005.

Liana Aragão

Negros negros, negros brancos, negros pobres, negros ricos, negros machos, negros fêmeas, negros gays. É essa a matéria – a paisagem, as tintas e a tela – nas mãos de Marcelino Freire, em seu último livro, *Contos negreiros*. São 16 narrativas, que ele chama de cantos, distribuídas em pouco mais de cem páginas. Como temática central, a variedade “cromática” das misérias humanas e sociais, tão comuns e algumas vezes irrelevantes aos nossos olhares.

O que menos vai importar nesses contos/cantos é a posição étnica de seus narradores, protagonistas, personagens, atores. As relações que eles constroem, a realidade que o autor nos pinta, aliadas à agressividade ritmada da escrita de Marcelino, é que são negras. Não podemos, nem seria intenção deste texto, categorizar ou enfatizar a categorização social referente a raça, cor ou seja lá o que for. O fato é que os contos trazem às vistas toda a miséria, o descompasso, que nos tiram de um mundo cor-de-rosa e pam! Realidade: nosso passado colonial é presente e os escravos são agora multicolores.

Ironia, sarcasmo, *secura* e, em contraponto, pinceladas de uma poesia singela, rimas fáceis, jogos de palavras, trocadilhos, presentes em toda a obra do autor, são traços fortes desses contos. Logo na apresentação, o cearense Xico Sá esboça o que virá pela frente: “o cabra mal começa, acabou-se. De tanto punch, de tão amargo, de tão doce – prosa-rapadura, contraditória?! A gente lê voando, priu, num sopro” (p. 11). A dureza e a agressividade dançam com a doçura sarcástica, piegas, ridícula.

O grande mote dos contos é o desconcerto causado ao leitor. “Solar dos príncipes” não tem precedentes. Narra a história de cinco negros que descem o morro para fazer um documentário sobre a classe média. Apossados de instrumentos praticamente inacessíveis a eles – uma câmera na mão – e de idéias desconcertantes na cabeça, tentam produzir um filme sobre o cotidiano da classe média e são barrados pelo porteiro. Também negro, o porteiro tem um posicionamento “fora do lugar”: trabalhando para pessoas abastadas, ele toma partido, nessa cena inusitada, de seus patrões. Absorve uma postura recuada, amedrontada – tipicamente a da classe média atual, tão aterrorizada pela violência urbana – e rechaça seus pares.

Em “Coração”, a voz que escutamos é a de um travesti prostituído, que masturba homens no metrô. Ainda rara, e bastante discutível, a presença gay na literatura brasileira pauta-se ou pelo estereótipo acrítico ou pelo cuidado insistente na construção, em resposta aos movimentos organizados. Isso não acontece em *Contos Negreiros*. O narrador de “Coração” não levanta bandeiras, não pede respeito, não reclama de sua miséria. Desconcerto: o narrador-personagem tem densidade. Não é apenas uma presença gay, mas uma voz ativa, que é vítima, mas que também faz escolhas, pensa a sua realidade, vive, sobrevive, flutua, sofre e morre de prazer.

O deslocamento de ossos, para usar expressão do próprio Marcelino, o desconforto e a surpresa seguem na construção do livro. Eles são, ao lado da miséria multicolorida, o fio condutor das narrativas – a fonte de conteúdo e forma da obra. “Totonha”, o canto XI, desmonta o leitor médio e erudito. Mais uma vez, as nossas restritas concepções e verdades absolutas e universais sofrem o abalo de Marcelino. Totonha, a personagem, é uma velha senhora, que,

com seu discurso trocado, ao contrário, nos desperta: ela não quer aprender a ler. A sua negra realidade é tão natural, apartada do mundo cultural – restrito aos alguns que o pensam e o consomem –, que não lhe servem a leitura e a escrita. “Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso” (p. 79).

Os preconceitos – rompidos ou expostos – ultrapassam questões de cor e se escancaram em relações colonizatórias dirigidas a mulheres, gays, pobres etc. E é inovador o modo como Marcelino não somente expõe, mas também deixa que o leitor sinta a sua incapacidade de narrar a realidade espedaçada que vê, lê, assiste, vive. Ele subverte a tão recente lógica do texto “politicamente correto” e transgride, pelo menos no espaço do conto, seu papel de autor, quando se veste ou se traveste de negro, de negra, de viado, de pobre, de humilde. Sem medo de uma crítica puritano-moralista, deixa fluírem seus preconceitos, suas visões parciais, seus recortes. Ao mesmo tempo, não sugere ao leitor uma relação pacífica com essa realidade; incita, cutuca, inflama... e, para citar Xico Sá, “dá belas chibatadas no gosto médio e preconceituoso, com gozo, gala, esporro, com doce perversidade, sempre no afeto que se encerra numa rapadura” (p. 13).

A obra desconcerta certezas. Põe em xeque o cartesiano e “canônico” fruir literário e o conservadorismo social, quando transcende não só os embates classistas, mas a língua culta – preocupação quase sexual de alguns gramáticos ou saudosistas de um passado glamouroso que não houve – e também a quase intransponível barreira do senso comum, tão vinculado às percepções ocidentais modernas.

E é essa a grande sacada de Marcelino e alguns de seus contemporâneos, como André Sant’Anna, por exemplo: lidar escrachadamente com estereótipos, não de modo a reforçá-los, mas a fazê-los gritar, chamar a todo instante e de modo violento a atenção do leitor. E o autor tem consciência de para quem escreve, na ferida de quem ele quer meter o dedo: é o intelectual leitor de classe média o interlocutor incomodado de Marcelino Freire. Ou é o principal alvo, pelo menos, de livros tão bem trabalhados visualmente – atrativos para os olhos e embrulhados para o estômago.